

**PRO-  
PAGANDO  
N°2**





## PROPAGANDO Nº2

**PRO-PAGANDO Nº2** é um trabalho de performance realizado no contexto de semáforos de trânsito. A performance tem em seu programa as seguintes ações: Segurar uma placa de papelão contendo a frase **TODO CORPO É UM ARTISTA/TORNAI O SEGREDO PRODUTIVO** por metade do período de um semáforo fechado. Propiciando a leitura da frase pelos motoristas que aguardam a abertura do semáforo. Passado esse tempo, o performance recolhe a placa e sai em direção aos veículos distribuindo notas de dinheiro oficiais, mas não mais em circulação, carimbadas com a frase **TODO CORPO É UM ARTISTA/TORNAI O SEGREDO PRODUTIVO**. A ação tem em suas camadas tanto uma operação mais direta com os signos e os contextos empregados, semáforo, dinheiro, certa ocupação aberrante do contexto e etc., como também uma linha um tanto histórica, no que se trata da frase e algumas operações empregadas que dialogam com outras produções artísticas.

O contexto do território do semáforo tem em sua operação algumas linhas duras que reverberam o gesto da máquina urbana em seu movimento de controle, de administração dos fluxos e das forças. Assim, como também é desfeito e ocupado por outras forças que competem com a própria institucionalização e o estado, para fazer desse lugar espaço de trabalho, de deambulação, de mendigagem.

Tal território com seus signos visuais, sua linguagem reguladora do trânsito, suas cores que controlam os fluxos e constroem toda uma subjetividade humana onde o corpo-veículo em sua potência petroquímica e sua blindagem metálica esvaziam os deslocamentos. Em seu sentido singular, como também coletivo, blindando do próprio fluxo territorial. Ao mesmo tempo tal potência de acoplagem tem sua dinâmica de regulação e controle, para que assim flua dentro das estratificações da máquina urbana. O espaço do semáforo como válvula de fluxos, cria em seus movimentos de contenção um espaço de paragem singular dentro da maquinaria da cidade, que quando ocupado por essas singularidades outras, sublevam linhas de encontros impossíveis a máquina segregadora e higienista. Encontro



dos vendedores ambulantes em suas infinitas e criativas abordagens, dos artistas de rua, que fundam e elevam seu palcos na matéria asfáltica, daqueles que pedem auxílio e denunciam em suas presenças a opressão da dinâmica capitalista em sua produção de miséria, dos drogaditos, dos loucos, dos fluxos marginalizados, excluídos, segregados pelos mecanismos de controle. Como se o semáforo subleva-se o fracasso do modo operativo das estruturas urbanas, criando um ambiente propício a um encontro outro que não a sua funcionalidade.

A ação **PRO-PAGANDO N°2** em sua composição de gestos utiliza de certo repertório comum de operação destes espaços do semáforo. Como no caso da placa contendo um texto e a distribuição de panfletos ou impressos. De modo que, o potencial de deslocamento na utilização destas práticas assimiladas, são suas qualidades de variação que convocam e fazem vazar certas relações de força impregnadas nessas relações. Utilizar do suporte da placa ou cartaz para ação opera em certas linhas que evocam uma tonalidade de um gesto-grito, algo de manifestação. Na qual sinaliza certo movimento de uma síntese comunicativa que realiza um gesto duplo de barramento de uma força, ao passo que busca elaborar um



gesto muro, que traz uma textura limítrofe, afirma sua demanda.

A frase **TUDO CORPO É UM ARTISTA/TORNAI O SEGREDO PRODUTIVO** faz referência a uma história da arte ocidental, atualizando-se na interferência realizada pelo artista que substitui o termo “HOMEM” por “CORPO”. O primeiro verso “TUDO HOMEM É UM ARTISTA” é uma máxima referenciada ao artista Marcel Duchamp, que fissurou o campo das artes eurocentradas no início do século 20, associando o modos operativo das artes, ligado a um fluxo de criação, como matéria posta em variação, mais do que um arcabouço teórico e técnico que dominavam um certa concepção do entendimento do campo das Artes. O segundo verso é associado a produção do artista Joseph Beuys, que se apropria do verso de Duchamp e adiciona este novo trecho. Tal operação produz uma filogênese de um pensamento dos apontamentos de Duchamp acerca do potencial criativo, adicionando certa cunho político, no qual Beuys buscava operar. E via nas artes e nessa potência da criação certa qualidade agenciadora possível de modular e operar na sociedade e no mundo, na construção e no engajamento de certa qualidade sensível e

compositiva. De modo que, é convocado aí todo um potencial ligado a criação e a vida que Beuys denominava “Escultura Social”. Nessa proposição já se apontava certa superação de um humanismo excludente e convocava-se a pensar enquanto material escultórico não apenas o socius isolado, porém toda uma gama de relações que esse estabelece com o meio ambiente. Vitalidade de um processo construtivo de um socius acoplado às dinâmicas de uma força de pensamento ecológico. Porém, a própria manutenção do termo “HOMEM” ainda indica a influência hierarquizada herdada do pensamento antropocêntrico. Sendo assim a substituição por “CORPO” busca abarcar toda uma amplitude de existências e materialidades incorporadas, na qual a criação e certa producência estão sempre ligadas a um potencial vital para além do humano. Entende-se nessa apropriação e desdobramento da máxima de Duchamp e Beuys, tanto um negociação com uma camada histórica e institucionalizada da arte, afirmando-a, como também a elaboração de uma crítica, que busca implodir por vias internas as construções acerca do entendimento e das operações naturalizadas da Arte.



Compreende-se e busca operar de modo em que a utilização de uma frase consolidada dentro de um contexto artístico instituído não seja impedimento para o engajamento das singularidades que não ocupam esse conhecimento prévio. A frase em si já tem seu potencial de deslocamento por sua afirmativa institucionalizante e sua convocação a um engajamento subjetivo. De modo que em sua composição com o contexto do semáforo, os signos monetários e os gestos da ação, outras linhas ligadas a processo de valoração macro e micropolítica são convocadas. Assim, curto-circuitando nuances de construções capitalistas que operam numa elaboração onde o procedimento subjetivo de valoração é contaminado por uma linha econômica na qual valor e dinheiro apresentam certa sinonímia. Para tal, a ação busca criar certas inversões de operações comuns nesses espaços. Como no caso dos modos operantes dos artistas ambulantes e pedintes que buscam naquele local um modo de viabilizar algum dinheiro. A utilização da estratégia e do dispositivo da placa para sinalizar o interesse é semelhante ao dessas singularidades, porém o performance quando vai em direção aos veículos distribui notas de dinheiro aos motoristas modificando a lógica



comum. As notas empregadas na ação são moedas oficiais brasileiras que foram substituídas por novos projetos econômicos, saindo de circulação e perdendo seu valor monetário. Operar com esses dispositivos de um passado monetário, aponta para certos movimentos de flutuação da lógica econômica, na qual embute-se e desembute-se valores. O distanciamento e sua inoperância enquanto moeda, parecem sublevar sua lógica contratual que faz em seu movimento mais simplório a supervalorização de um pedaço de papel impresso, em acesso, em poder, em direito de existência. Como se o rastro de seu valor potencial no passado ainda preserva-se uma espécie de sacralização da matéria. É toda uma alquimia contractual de narrativas que é posta a variar.

A frase então se repete em novo contexto. Carimbada sobre as notas **TODO CORPO É UM ARTISTA/TORNAI O SEGREDO PRODUTIVO** reverbera todo um deslocamento e inversão de trocas habituais. No momento em que a à inversão no qual o performance dá ao motorista “dinheiro”, há um assombro no qual boa parte dos motoristas recusa em um gesto enrijecedor de combate a uma afronta. Não fica claro no primeiro momento que são notas sem valor corrente, e a

imagem daquele que “deveria” pedir “dinheiro”, dando “dinheiro”, é uma aberração dentro da lógica segregadora e hierarquizada de poder e de dominação. Para os que recebem a nota e procedem à leitura da frase, é todo um grito que busca operar os e nos consensos da Arte, do Trabalho, do Hábito, com letras maiúsculas e no singular, para convocar toda uma criação de uma nova multiplicidade.